



REVISTA POPULAR DE ORIENTAÇÃO RACIONAL

SUMÁRIO:

N.º 3

A maior vítima, Lopo Gil — Considerações... económicas..., José Carlos de Souza — Amor livre, Antonio C. Aliavilla — A Vida, Afonso de Bourbon — Palavras da Terra, soneto de Augusto Casimiro — Supplica, soneto de Antonio Cardoso — As duas estatuas, de Ernesto Herrera — Objeções ao amor livre, carta de Zelia Marques — Higiene «O Tabaco» por Mendes Assunção — Estratos e pensamentos — Expediente

PROPRIETARIOS E DIRETÓRES: Grácio Ramos e Pinto Quartim
REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Rua dos Mouros, 30, 2.º — LISBOA

Enc. e Tip. Fernandes — R. Retroseiros, 5 e 7

Proprietários e Directores
GRACIO RAMOS & PINTO QUARTIM
Tir. FERNANDES
5, R. Retrozeiros, 7
— LISBOA —

ÁMANHÃ

Sede provisória da
Redacção e administração
R. dos Mouros, 30-2.º
Lisboa (Portugal)

Revista popular de orientação racional

I SÉRIE

Lisboa, 1 de Julho de 1909

NÚMERO 3

A MAIOR VÍTIMA

Enche-me de revolta a faina embrutecedora dos mineiros, profundando ezaustivamente o solo, atrofiando a existência na escuridão apavoradora dos subterrâneos. Sinto em mim surgir um desejo de rebelião, quando vejo o cavador curvado afanosamente para a terra, tornando-a útil e produtora, trabalhando para que germine o trigo que se ha-de transformar em pão e que só a custo entrará na sua misera cabana. Apodera-se da minha alma um odio intenso quando diviso nas oficinas, nos rostos macilentos desenhado em vivos traços o sofrimento, esses fantasmas que o capital amarra gananciosamente á bigorna e á forja, fazendo-os arrastar uma vida de miseria e fome. E clamo com elles no mesmo desejo de bem-estar. E grito com elles na mesma ancia de liberdade.

Mas ficai o sabendo; ninguém ha que eu deplore mais do que a mulher; nada existe que mais me revolte que a sua miseria. Ella é a maior vítima e o maior escravo.

*

Sim! Ninguém como ella é vítima dos infames preconceitos que a sociedade considera um crime demolir; sim! ninguém como ella sofre a amargura estranha de ter vindo ao mundo unicamente para ser escrava!

Condenada a ser eternamente serva e dependente pela organização economica da sociedade, a sua servidão é uma consequência lógica da servidão do homem. Como este, ella sofre tambem os efeitos do salariato, os efeitos da lei, os efeitos do dogma.

E' sobre ella que o Capital exerce com mais intensidade a exploração, sujeitando-a a trabalhos prolongadissimos e penosos por uma retribuição mesquinha. O Estado foi para com ella prodigo em leis de escção, tornando-a um ente sem representação social, uma pertença esclusiva de um senhor, que umas ve-

zes é um pai, outras um marido. A Igreja olha-a como um dos principais instrumentos das suas estorções e trata-a de fanatizar e embrutecer para melhor conseguir os seus fins. E ela, a desgraçada, é, afinal, simplesmente um juguete nos dentes do Capital, nas mãos do Estado e nas garras da Igreja.

Escrava dos homens, são estes o seu peor inimigo. Quando solteira, perseguem-na num desejo lúbrico de carne virgem, e empregam os mais astuciosos processos de sedução, para lhe recolherem as primícias de amor; iludem então a sua ingenuidade e ludibriam a sua boa fé, para a abandonarem pouco depois com dois caminhos indicados: a miséria e a fome, tendo por consequência a morte, ou o prostíbulo e a infamia, e, nesse caso, o desprezo da sociedade.

Quando casada, a tirania que sobre ela pesa é desoladora. É a tirania da fome, quando as condições económicas do lar são escassas ou o marido é um desequilibrado que gasta a ferir pelas tabernas em bambochatas. É a tirania das suspeitas aviltantes, quando este é ciumento e a insulta com continuas suposições de infidelidade. É a tirania da propriedade que sobre ela impera, tornando-a uma serva do homem, e que a obriga a suportar amarguradamente uma vida atribulada, um encarceramento sufocador, uma opressão terrível.

Sim, é a maior vítima! sim, é o maior escravo. Ah! o mineiro, quando já não pode mais, ergue a picareta, e ei-lo que vem á rua gritar audaciosamente a sua revolta; ah! o cavador, quando o trabalho é demasiado, ei-lo que levanta a enxada e percorre os campos bradando rebelião; ah! o pária da oficina, quando a fome o ataca e sente as forças abandoná-lo, ei-lo que arroja o martelo, e vem clamar na praça publica que quer pão. E todos proclamam a sua rebeldia e todos ezejem um lugar ao sol. Mas ela, a misera, quando o pode fazer? Como se pode ela revoltar, como ha-de ela patentear a sua rebeldia? E se um dia, quebrando os preconceitos, ela vem tambem pedir satisfação dos direitos que lhe são negados, vemos acompanhá-la o riso imbecil das populações e cobri-la de insultos a multidão soez...

*

Ora nós, que trazemos a palavra liberdade constantemente nos labios; nós que andamos a falar sempre em revolução, e hasteamos a bandeira das mais

elevadas reivindicações, nós que acusamos os burguezes de opressão e tirania, se pensarmos maduramente neste assunto, não seremos também, muitas vezes, uns pequenos tiranetes no nosso lar?

Restrinjâmos o caso ao nosso meio, e digâmos se também não oprimimos a mulher, se também não a escravizamos?

Dizei-me se nós não julgamos a mulher como a julga a burguezia, se não nos arvoramos em seus censores com a mesma forma errada de vêr?

Inconscientemente, determinados talvez pela influencia fatal que preconceitos de seculos ezercem sobre nós, é ou não verdade que tratamos a mulher quasi como uma propriedade, embora a nossa razão seja contrária a esse ato? E' ou não verdade que, embora a nossa consciencia nos reprove o procedimento, olhamos a mulher que *caiu* ou *cometeu uma falta* com a mesma injustiça, e a lançamos á márjem com a mesma iniquidade?

Pensemos reflétidamente e depois de consultarmos a nossa consciencia, teremos nós forças pâra atirar a primeira pedra á burguezia?

Eu penso que pâra conseguirmos a consumação do nosso ideal, hão-de ser necessarias além de uma luta constante e de uma revolta permanente, uma educação progressiva e sobretudo uma grande dóse de bons ezeemplos. Porque não havemos já, neste caso, de fazer o que devemos? Porque não havemos, afinal, de fazer compreender ás nossas companheiras o mesmo desejo de libertação que sentimos, e porque não havemos de tratá-las como mulheres que nós queremos que sejam e não como a sociedade as obriga a ser? Pâra que nos fazemos juizes, lançando-lhes em rosto, muitas vezes, as suas faltas, nós que somos, afinal, os unicos culpados delas?

E o que é mais triste é que, dos nossos sofrimentos e também das nossas leviandades, são elas sempre as maiores e as mais desgraçadas vítimas!

Lopo Gil.

E' mais agradável evocar-se a fantazia do que submeter-se nos inflexiveis ditâmes da razão; mas o bom juizo aconselha desconfiar da primeira e optar pela última.

J. G. DRAPER,

Considerações . . . economicas . . .

I

Bastantes vezes se tem pretendido justificar a corrente de imperialismo que invade certos paizes, como por exemplo a Inglaterra, os Estados Unidos, pelo desenvolvimento da enorme produção e pela necessidade, d'aqui proveniente, de obter novos mercados proprios pãra a colocação dos seus produtos.

E assim se *explica* a guerra de Cuba, a das Filipinas, a do Transval, etc.

De maneira que, no meu tempo, tão elojiado como sendo o seculo das luzes, em que tanto alarde se faz dos sentimentos altruistas . . . tidos como consequencia dos progressos scientificos da humanidade que caminha pãra o bem . . ., tem-se dado este facto estupendo: nos paizes onde ha enormissima miseria a par de fabulosas riquezas, a produção atinjiu um tal desenvolvimento na agricultura, na industria como nas artes que não ha meio de dar consumo a tantos produtos e por isso torna-se indispensavel *colocar fóra* o que em casa se não gasta . . . posto nesses paizes se morra de fome!

E depois, caso não menos estupefaciente, em vez de se atenuar a afflitiva penúria no interior, entendem os economistas da *economia politica official*, que os governos devem deixar morrer de fome a grande turba dos deserdados e obrigar pela força das armas, se fôr necessario, povos estranhos que até aí viviam bem sem esses produtos, a recebe-los— não de graça mas pelo preço por que lh'os queiram impôr!

Inunda-se de sangue todo um povo; rouba-se-lhe a liberdade; impõe se-lhe um governo e força se esse povo a criar necessidades pãra, em satisfação d'elas, adquirir os generos que superabundam na nação que o oprime e que nega tais generos aos que nela carecem de tudo!

Mas . . . isto é economia politica . . .

Muita dôr tem esta economia custado aos miseraveis pãra os senhores do mundo poderem gozar os beneficios de semelhante economia politica.

O meu visinho aqui do lado está a rir-se destas minhas reflexões e naturalmente vem explicar-me todas as infâmias com . . . a lei de Malthus . . .

Será então fatal que todo o povo inteligente, de faculdades criadoras fóra do comum, haja de acen-tuar, de afirmar a sua grandeza, roubando aos outros a liberdade que tanto defendeu pára si: estorquindo-lhes tudo, violentando-os em tudo que caracteriza a sua individualidade? E' attributo indispensavel da in-teligencia, do poder inventivo, da capacidade indus-trial de um povo, o vicio da rapina? E' forçoso que toda a nação florescente, no caminho das riquezas e no auge da gloria, precize do sangue das suas irmãs menos favorecidas?

O alto fastijio das prosperidades não é compativel com esse sinjelo principio de permitir que coma quem tem fome?

Não! a organização social produz destas mons-truosidades.

E contudo a condenação de tal organização absur-da, está nisto: Se as riquezas são tantas que não se sabe o que fazer a tamanha acumulação de produtos, como ha tão grande nudez na choupana do trabalha-dor, tanto sofrimento no rosto aflito do pária, tanta angustia no faminto?

Se é lei o motivo destas considerações, lei natu-ral (?) que não criada pelos homens, dura lei!

Que dizeis a isto, ó proletarios da enchada, do martelo ou da pena? vós que não ganhais o suficien-temente pára comer?

Que contestais a todos estes absurdos, assalaria-dos de todo o mundo?

Direis talvez que a *ciência* da economia politica é ciência certa e que a *lei de Malthus* é infalivel e es-pressão da verdade natural e que assim tereis de vos re-signardes com a desgraça ou procurardes entrar na coleção dos devoristas!

Ha ideal mais nobre! acreditai-o! e sobre a de-cantada lei de Malthus, falaremos.

José Carlos de Souza

Razão e preconceito

Ninguém deve supôr-se livre, só pelo facto de ter conseguido emancipar-se de todo o jugo esterno; ninguém deve julgar se do-tado de despôr de si livremente, se dentro de si leva um âmo, e o peor de todos os âmos, — o preconceito.

Ninguém é filósofo se não é livre; ninguém pode jactar-se de ser livre se submete o seu espirito a outra autoridade que não seja a razão, e a razão a outra regra que a evidencia.

JULES SIMON.

AMOR LIVRE

Amor livre não é, como alguns pretendem e outros julgam, as relações seculares havidas de momento em praça pública, ou num andar rejistado sob um numero da policia.

Amor livre não é a necessidade de satisfazer um desejo natural, cumprindo uma exigência simplesmente fisiologica aproveitando-se uma oportunidade que o acaso dispõe no meio falso em que a sociedade vive.

Amor livre não é a união vulgar que por aí se faz, quando da parte do homem existe o preconceito de não dar o *seu nome* á companheira, porque entende que não é digna dele.

Amor livre é o mais belo sentimento de assimilação da vontade e do pensamento que se reúne em dois individuos de sexo diferente. E' um todo formado pelo homem e pela mulher que se completam, que buscam a vida em comum, sem dependencias de codigos ou leis que determinem as suas funções, juntando-os ou apartando-os por simples convenção social.

Vivem juntos porque se querem, se estimam no mais puro, belo e desinteressado sentimento de amor; vivem juntos porque é essa a sua vontade, e não estão ligados por determinação alheia nem por interesses que a um digam respeito.

Tão pouco se estremecem pelo unico desejo de cópula que é naturalmente uma consequência da aproximação e da afinidade de sentimentos.

Quando existam incompatibilidades, quando por qualquer circunstancia um caia no desagrado do outro, nada os força a viverem juntos, e não buscam leis de separação porque as não tiveram de junção.

Amor livre é o mais vivo testemunho da sinceridade do amor que existe entre o homem e a mulher; no amor livre cessa em absoluto qualquer desconfiança que na actualidade existe, muitas vezes, entre casais.

A duvida, a desconfiança, a incerteza nunca poderão existir no amor livre, porque o homem ou a mulher não necessita de recorrer, como agora, á dissimulação, á mentira, ao engano para encobrir muitas vezes no mais intimo do seu ser, qualquer novo sentimento afetuoso que alguém lhe possa ter merecido.

Amor livre é a plena liberdade de amar e não a forma hipócrita do casamento em que o homem e a mulher ligados indissolúvelmente pelo casamento civil ou religioso são obrigados pelo preconceito a suporta-

rem-se com enjôo, beijando-se em publico com o fel nos labios e a mentira no coração, e ferindo se por todas as formas e feitiços na alcova conjugal.

E ponham nisto os olhos as mulheres que accitam o poder despótico dos pais que as submetem pelo casamento a este ou áquele de seu agrado, ou as que se entregam ao poder de um marido, que, conforme a lei o declara, será o seu dono e o seu tirano, embora seja muitas vezes um amigo sincero e até dedicado.

Antonio C. Altavila.

A VIDA

«Não se revolta a vossa altivez contra essa criação automatica que vos lança na vida e depois vos arranca dela — e nada mais? Afirmar pois a vossa recordação na vida se sois ativo e vos offendeis da vossa subordinação aos mysterios do tempo».

Gorki.

Amar a vida, amá-la até ao delirio, fazendo dela um cantico d'ideal, é para mim nestes tempos de incerteza dolorida e de acabrunhamento depressivo, a mais bela, a mais nobre, a mais refúlgente e sólida afirmação de heroismo.

A vida que a maior parte dos seres vivem é triste, apagada, amorfa — uma dôr perene, um gemido enorme e que por vezes até tem exteriorizações grotescas: mas é necessario que o Homem se convença de que o sofrimento não está na substancia intima da Vida mas sim na fórma accidental.

Perante o mysterio esfínjico da Vida devemos ser ativos e corajosos... Se a vida que vivemos é má e torpe, alevantemos a bandeira rubra da nossa insubmissão gloriosa contra tudo que a apêrta, amesquina e magôa. A vida é a mais alta expressão da força, da energia e da revólta — a liberdade, por conseguinte, a sua mais galvanizante seiva, o seu mais categorico, immediato e insofismavel anseio.

Sejamos, pois, fortes, inerjicos! Mas a coragem não pôde de modo algum ter hoje o aspêto tosco que outrora exhibiu; a coragem hoje não pôde ser, não

deve ser, uma afirmação pezada da força animal, uma afrontosa exaltação da personalidade biológica, mas sim uma altiva, esplendente revelação de firmeza psíquica e de bondade fecunda.

Amar! Sonhar! É acima de tudo, no meio de todo este caos tremendo, erguer para os transfigurantes cimos da Justiça e do Futuro o nosso espirito — para que ele sobranceiro ao mundo e às suas podridões torrenciais possa ter a pureza candida das águas e dosinhos!

Amar! Sonhar! É acima de tudo agir, lutar, pôr em ação fremente a crença que o arneza, pôr em jogo a luz, a chama que o aquece, que o viriliza! Ser no meio da confusa imoralidade da vida comum um caminheiro do ideal que conquanto vá deixando nas pedras e nas urzes das estradas pedaços da sua alma sempre inalteravelmente, tenha na boca vermelha a sagrada palavra da insurreição, da Justiça e da Beleza!

Amar! Sonhar! E, em resumo «não sofrêr a lei da mentira que passa triunfante e não associar a nossa alma, a nossa boca e as nossas mãos aos aplausos imbecis e aos apúpos fanáticos.»

Afonso de Bourbon.

O insino da Historia

A Historia não dá lições á infancia, só as dá aos historiadores, e detestáveis quasi sempre. Tudo o que o homem tem feito para embelezar a sua existencia, a criança facilmente o comprehenderá. É isto é o mais importante que há na Historia. É o progresso o que mais convem insinar ás crianças e não a vida e milagres das personagens illustres — monárchas, politicos ou jenerais. Não faz falta nenhuma que a criança não saiba, durante ános, que hão existido estes seres decorativos e perniciosos.

ROORDA VAN EYSINGA.

A escrita direita

Uma experiencia de oito anos numa escola de quatro classes, composta de duzentos alunos, permite-me afirmar:

- 1.ª Que a escrita direita é a única normal e racional.
- 2.ª Da escrita direita resultam mais progressos que de nenhuma outra especie de escrita.
- 3.ª A escrita direita reforma em pouco tempo as peores escritas inclinadas.

M. BOURGOGNON.

Nos muitos anos que tenho de exercicio como medico, pude comprovar que a maior parte das enfermidades dos olhos e dos desvios da columna vertebral são provenientes das péssimas condições das mãos de escrever e da letra inclinada.

GIOVANNI QUIRICO.

Palavras da Terra

E a Terra disse ao homem que a lavrava
Lançando o grão num gesto criador :
— Não lavres mais, que a terra é sempre brava
Se a fecunda sómente a tua Dôr !

Pranto, suor da tua vida escrava
E' o meu pranto estéril, meu suor .
E se outrora, a sorrir, tudo te dava,
Falta-me agora o pão do teu amor.

.. E amar a terra.. Tens razão .. De resto ..
O teu amor, a tua mão, teu gesto
Já se esqueceu até de abençoar ..

E a Terra só é pródiga e fecunda
Quando o teu canto de liberto a inunda,
— Terra livre e de todos a cantar .»

Lisboa, 20 - 6 - 909.

AUGUSTO CASIMIRO.

SUPLICA

O' deus que tudo vês, deus da bondade,
Que todo o bem derramas, deus clemente :
Porque matas á fome tanta gente ?
Porque deixas haver tanta orfandade ?

E' justo que se arraze uma cidade
Numa fatal surpresa, de repente ?
Matar sem compaixão tanto inocente !
E' este o teu amor á humanidade ?

Como podemos crêr e adorar-te
— Como nos aconselham teus seqüazes —
Se nos dizes a razão para odiar-te ?

Fulmina me, senhor, ou dá-me bazes
Que mostrem ser blasfêmia o não louvar-te
E sêr p'ra nosso bem o mal que fazes !

Barcelos, 16 - 6 - 909.

ANTONIO CARDOSO.

Em vão o póvo derruba os seus verdugos para elevar os seus
ídolos; os ídolos de hoje são amanhã os seus verdugos.

PI Y MARGALL.

O homem é dominado, mandado, governado, explorado e en-
vilecido pelos seus semelhantes, coisa que se não dá com nenhum
outro animal; logo o homem é o animal mais animal da criação.

SAN LUIZ GONZAGA

AS DUAS ESTÁTUAS

A sua historia, foi uma historia vulgar.

Filho de um matrimonio Peres, ou Lopes ou Rodrigues, nasceu entre os macios brocados de um leito de burguezes e creceu na opulencia, rodeado de cuidados, de carinhos, de mimos

Educado esmeradamente, prolicamente, ao sair do seminario encontrou-se de repente no meio do grande mundo, cujas portas se franquearam logo ante o «*césamo ábrete*» de seu titulo de futuro milionario, que não tardou em conquistar lhe a admiração de todos os homens e a simpatia de todas as mulheres.

Erijido em idolo pela majia do ouro, convertido em criança mimada da melhor sociedade, exhibiu pelos salões suas elegantes esquisitices de jovem libertino, até encher os seus memoranduns de moderno Tenório, com os nomes interminaveis de suas mulheres burladas e de seus mortos em desafio.

Provocou escandalos, bateu-se mil vezes e, assim, entre orjias e conquistas e duélos, viveu uma vida inutil, desbaratando felicidades e enodando honras, amparado sempre já por uma fama de consumado esgrimista, já pela majia maravilhosa das suas moedas de ouro.

Morto seu pai, vendo-se dono absoluto de uma colossal fortuna, pensou finalmente em fazer-se *homem de bem*. Esqueceu as orjias, retirou-se do grande mundo e passou o resto da sua vida entre as quatro paredes do seu escritório de banqueiro, consagrado aos seus licitos negocios, já monopolizando artigos de primeira necessidade, já emprestando jenerosamente a cem por cento...

Quando morreu, a boa sociedade, reunida em volta da camara ardente, descobriu que em toda a sua vida tinha sido um filantropo o milionário que acabava de falecer; e, passados alguns meses, levantava-se no meio da praça do meu povoado, sobre um pedestal de granito, a obesa figura daquelle santo varão, que consagrou a sua vida inteira a remediar misérias, a enxugar lágrimas...

O povo inteiro desfilou naquêlê dia em frente á estatua, e, entre o povo, o meu professor e eu.

— Vês — disse-me o bom velho, indicando com o dedo o monumento que acabava de descobrir-se. — Observa! aprende! comprehende!

A história do outro, não foi menos vulgar, por certo.

Enjendrado, sem dúvida, em uma orjia de lupanar, nasceu talvez na rua, quiçá em um hospital, quem sabe se num cárcere... Ele nunca soube onde nem de quem nasceu.

Cresceu... pelo mundo, vagabundeando pelos pontões, dormindo pelos humbrais. Educou-se no presídio e aí aprendeu os evangelhos da canálha, talvez dos lábios do seu próprio pai. Mais tarde, já homem, já malfetor diplomado, viveu a vida tal como a insinaram: vagabundeando pelos caminhos, assassinando, roubando e fazendo o «prato do dia» dos diários noticiosos que, por muito tempo, enchêram as suas colunas com os relatos sangrentos das suas bárbaras façanhas de bandido ezecravel.

Um belo dia, a policia apoderou-se, por fim, dele. Leváram-no ante os juizes, condenáram-no á fôrca e passadas algumas semanas da inauguração da estátua do virtuôzo filantrôpo, appareceu uma manhã balouçando-se em frente d'ela, á maneira d'um suplemento, o corpo do malfetor *justicado*, espôsto pelas autoridades á pública vindicta.

Recôrdo-me como se fosse há uma hora.

Pendurado em frente da estátua, no outro extremo da praça, com os punhos cerrados e os olhos quasi fóra das órbitas, parecia ezaminar o seu vizinho, com um jesto de ira, de desprezo, de rivalidade.

— Vês? -- tornou a dizer-me o bom velho, com o mesmo jesto que da vez anterior. — Observa!.. aprende!... comprehende! ..

Observa! Aprende! Compreende!

*

Passáram-se, depois daquêlê, muitos anos; eu abandonei a minha aldeia; tenho percorrido muito, tenho visto muitas estatuas e muitos justicados, tenho observado e aprendido muito. . mas nunca comprehendí . .

E estou quasi seguro de que morrerei sem nunca ter comprehendido!

Lisbôa, 24 de Junho de 1909.

ERNESTO HERRERA.

Seguir os impulsos do coração, obedecer aos meus instintos, escutar em mim a voz da natureza, eis a minha suprema lei!

RICARDO WAGNER.

Objecções ao amor livre

Es.^{ma} Sr. Pinto Quartim:

Li com muita atenção o seu primoroso artigo da *Amanhã*, sobre a *Deficiência do divórcio*, e sobretudo o prefácio assinado pelo grande mestre da psicologia.

Em verdade a sua opinião seria magnífica e de fácil realização se — como do seu artigo se depreende — das relações sécsunis entre o homem e a mulher, não sobreviessem esses entes queridos que se chamam filhos, que tanta alegria são para um casal ditoso que se ama verdadeiramente, mas que tantas e tão grandes contrariedades causam á pobre mãe que, depois de os dar á luz, se vê abandonada pelo infame sedutor que dos mesmos é pai.

Nêstes cazos, porém, éla pôde dizer ao mundo, apontando o, quem é o pai do seu ou seus filhos. Mas, no cazo do seu artigo, não.

Sem dúvida que a mulher, pelas leis da natureza, foi criada para concebêr, e isso fatalmente succeder-lhe á após o coito; se não fór d'uma vez, é d'outra.

Ora, se na actualidade, muitos cazais se deza-vêem passado pouco tempo depois do matrimonio e só porque o ente que escolheram para companheiro da sua vida não reúne em si todos os predicados que o seu muito amor lhes deixou antevêr, assim no futuro, e com o amor livre, se pode dar o mesmo; e uma mulher infeliz que, pela sua constituição doentia ou por qualquer outra circumstancia, não tenha a felicidade de acertar logo com o primeiro amante, experimenta o segundo, o terceiro e, nêsse período de tempo, concebe de um dêles.

De qual foi?... Ei-la, pois, numa situação difficilima e que pouco a dignificará, porque, além de não saber a quem attribuir a paternidade do seu filho, vê-se fatalmente repudiada por aquêle a quem vier de novo a ligar-se já em estado de gravidez.

Portanto, ás suas considerações, entendia eu que se devia acrescentar a responsabilidade da paternidade.

Se a mulher não encontra no homem que para si escolhe o ente idealizado a quem éla, lhe parece, amará eternamente, e se dêsse homem concebe um ou mais filhos, justo é que seja êle que dêles tome conta, pois que, como parte forte que é, a si deve chamar a res-

ponsabilidade de os mandar criar e educar convenientemente. Não lhe parece?

Mas, se ainda a mãe amantíssima de seus filhos, dêles se não quer separar, fique ainda o pai com a responsabilidade de ocorrer, na medida das suas forças, ás despesas que da sua criação e educação advierem, pois que das relações entre os dois é que nasceram os filhos e, portanto, não é justo que só a mulher, ênte fraco e as mais das vezes inapto para exercer trabalhos bem remunerados, fique sobrecarregada com os filhos, e o figurão continue propagando a sua prole, livre de peias e de preconceitos.

Isso não.

Como vê, não discordo em absoluto da sua opinião; mas entendo que se V. Es.^a tanta dignidade deseja para a mulher, lhe dê mais esta prerogativa, com a qual a ajudará imenso nas suas pretensões de ser livre e única possuidora do seu corpo, que poderá dar a quem quizer, contanto que fique assegurada a felicidade dos seus filhos.

De V. Es.^a,

Muito atenta veneradora,

ZÉLIA MARQUES.

A esta carta que, em termos tão corréctos, me foi dirigida, e que tão grande satisfação me fez experimentar por revelar o interesse e o raciocínio que á sua signataria causou o meu artigo inserto no primeiro numero desta revista, responderei, com muito gosto, no número immediato da *Amanhã*.

PINTO QUARTIM.

A Esmola

Acabo de cometer uma má acção: dei esmola. Ao fazê-lo, hei disfrutado do prazer vergonhoso de humilhar a um semelhante; hei convindo no pacto odioso com que assegura o forte o seu poder e reconhece o debil a sua fraqueza.

Marquei com o dar a antiga iniquidade: contribuí para que este homem tenha só uma metade de alma.

Vendi a fraternidade a um irmão empregando medidas falsas. Humilhei-me, humilhando-o, porque a esmola envilece por igual a quem a dá e a quem a recebe.

ANATOLE FRANCE.

HIJIE NIE

O tabaco

Pertence o tabaco ao numero dos narcóticos com que os humanos — desumanos até para consigo proprios — se comprazem em envenenar-se lentamente.

Todo o mundo sabe que o tabaco contém a nicotina, veneno por tal forma forte que uma unica gôta que cãia sobre o soalho é suficiente pâra tornar imprestavel pâra a respiração o ar que eziste no apozento.

O uso do tabaco provoca uma porção de incomodos e é a causa de numerosos sofrimentos. A falta de appetite, o catarro do estomago, a perturbação da digestão, vertijens, dôres de cabeça, emagrecimento, debilidade de toda a especie, catarro da larinje e da larinje, e muitos outros males, são as consequências do envenenamento da nicotina pelo uso do tabaco.

Infelizmente, porém, o sêcsio masculino, com especialidade, entrega-se de tal modo ao uso do cigarro, que os não fumantes são hoje verdadeiras raridades. Alguns fumadores ha que conhecem sobejamente o mal que á sua saude o tabaco produz, mas que dizem não terem forças, não poderem acabar com o vicio que adquiriram. Entre estes — e eis um caso incoẽrrente — contam-se alguns que querem ser livres, que se dizem completamente livres, mas que, não obstante, se reconhecem escravos de um cigarro!!

Sabe-se tambem que o fumar é extremamente pernicioso aos rapazinhos, porquanto retarda o seu crescimento. Bom é que os pais e os educadores façam tudo o que possam pâra evitar que seus filhos e educandos se habituem a fumar.

Em geral os pais são severos em demasia para com seus filhos neste ponto, mas a sua severidade funda-se apenas numa pretensa falta de respeito (?) e não no mal que o fumar produz no seu organismo em desenvolvimento. Afigura-se-me melhor preferir a persuuação, por meio da esplicação da nocividade do tabaco, do que o castigo corporal e a proibição, que é sempre inutil, pois as crianças, como os adultos, persistem sempre nos seus caprichos na razão direta das contrariedades que se lhe oponham á satisfação desses mesmos caprichos.

Em vez de castigar fisicamente a criança, melhor avizados andarão os pais não fumando tambem, pois o ezemplo vale mais do que o preceito.

Como quer o pai ou o educador proibir ao jovem o uso do tabaco, se educador e pai são fumadores apaixonados? É realmente um paradoxo proibir aos outros, por nocivo á saúde, aquilo de cujo gozo não nos podemos privar. «Os maus exemplos estragam os bons costumes» e «tal pai, tal filho», diz com razão a sabedoria popular.

Que sensação de enjão não experimenta aquêlê que pela primeira vez fuma?! quantas vezes o tabaco não lhe produz náuseas, vomitos, vertigens, suores frios?! E no entanto, continúa a fumar.

É bem verdade o que diz o dr. Mundo na sua «Hidroterapia» a pág. 55: «O homem luta, até vencer uma parte dos sofrimentos, só para tornar-se escravo de um habito por meio do qual estraga o ar indispensável á respiração propria e á dos outros, habito que, uma vez adquirido, nunca mais o deixa até ao fim da sua existencia.»

Um dos costumes que bom seria adotares, caro leitor, se é que fumas e não tens a força de vontade para te desquitares desse vicio, era o de não acênderes o teu cigarro quando te encontras numa sala onde se acumulam muitas pessoas.

Além da nicotina existem na fumaça do tabaco os ácidos prussico e carbonico, o gaz sulfídrico, o sulfureto de chumbo, o acido sulfurico, o óxido de carbono, etc. Todos estes ácidos e gazes são eminentemente prejudiciais á saúde. Num recinto fechado ou pouco ventilado, onde muitos fumadores se encontram a fumar, o ar fica perfeitamente empestado desses venenos. Aspirando esse ar envenenado, os pulmões se esfacelam e o sangue envenena se também.

É porque não tens nenhum direito em causares, por ti proprio, mal aos outros. não deves, pois, leitor, fumar em recintos onde a ventilação é parca e a aglomeração de pessoas é grande, como succede nos teatros, nas reuniões publicas, etc.

Mas que esta abstenção não te seja imposta por ninguem. Que seja a tua propria razão a impô-la. E também não pretendas proibir, ao que a teu lado estiver, que fume; mostra-lhe o encomodo que êle vai causar aos outros, procura convencê-lo da justiça do teu pedido e se vires que êle se convenceu mas que por maldade persiste na sua teimozia, procede então como a tua razão te aconselhar.

(Conclue no próximo numero). MENDES ASSUNÇÃO.
(Higienista e applicador pratico
do tratamento natural)

ERRATAS

Teem vindo chrios d'elas os dois primeiros numeros já saídos desta revista. No respeitante á ortografia então, tem sido uma verdadeira lástima, e isto devido ao desábito dos tipografos em comporem em ortografia simplificada. Este capitalissimo inconveniente vai ser, senão suprimido, pelo menos minorado — afirmamos, por detraz do nosso hombro, o amigo revisor.

No n.º anterior, pela maneira precepitada como foram revistas as provas de pájina, o artigo sobre *A nossa ortografia* veio, nos quinhentos ou setecentos primeiros exemplares, completamente crivado de erros, erros que saíram corrigidos no resto da edição. Entre outros que o leitor facilmente corrigirá, carecem de reparo os seguintes:

Páj. 15 — «emprego exclusivo quando do x tem o valor de ch, etc...», deve ler-se: «emprego esclusivo do x quando tem o valor de ch».

Páj. 16, final da 1.ª linha — em lugar de «vês» deve ler-se «rês», e, mais abaixo, onde se lê: «quando u precedido de o ou g e seguido de e ou de i se pronuncia, põe se lhe trema» deve ler-se: «quando u precedido de q ou g, etc.»

Ainda, dispersas pelas outras pájinas que comporta o n.º transáto, se notam diversas erratas, como por exemplo no artigo de Antonio Cobeira, *Aspétos*, páj. 7, em vez de «bílbos» leia-se «biblos», e outras de soménos importancia que o leitor por certo advinhará.

ESPEDIENTE

Prevenimos os nossos assinantes das provincias que nos estão em débito, de que enviámos já para a cobrança, ás diferentes estações postais, os respectivos recibos, pedindo ao mesmo tempo o favor de satisfazerem o seu pagamento logo que lhes sejam apresentados.

Aos nossos estimados agentes rogamos a fineza de liquidarem immediatamente com a nossa administração as suas contas relativas ao mez de junho.

A todas as pessoas e coletividades a quem enviamos pela 1.ª vez esta revista e que não a queiram assinar, pedimos que no-la devolvam antes do aparecimento do n.º seguinte. A devolução do exemplar á nossa administração nenhum dispendio lhes acarretará, pois não é necessario colar nova estampilha. Declarar que não desejam ser assinantes sómente quando se lhes apresenta o respectivo recibo, é, além de um proceder pouco honesto, criar grandes embaraços á existencia desta revista.

O próximo número aparecerá a 15 de julho.

A'MANHÃ

Revista popular de orientação racional

(Aparece nos dias 1 e 15 de cada mez)

Publica estudos sociológicos e de educação moderna, contos, poesias, criticas, músicas, canções, retratos, desenhos artisticos, etc., etc.

Preços das assinaturas

Para o continente, Espanha, ilhas e colonias portuguesas:

Serie de 6 números (trimestre) incluindo o importe do correio	150
Serie de 12 números (semestre)	300
Numero avulso	30

Para o Brasil (moeda fraca)

Serie de 12 números (semestre)	2\$000
Serie de 24 números (ano)	4\$000
Numero avulso	200

Para os outros paizes:

Serie de 12 números (semestre)	2,50 fr.
Serie de 24 números (ano)	5 fr.

Pagamento rigorosamente adiantado que pôde ser feito em estampilhas continentais — Acresce a despesa da cobrança quando esta se fizer pelo correio.

Não se satisfazem pedidos de assinaturas que não venham acompanhados da respectiva importancia.

Todas as pessoas que nos enviarem directamente uma lista de dez assinaturas garantidas, receberão gratuitamente a revista «A'manhã».

AJENTES

Acceptam-se em todas as terras onde ainda os não haja, concedendo-se a percentagem de 20% em cada exemplar e garantindo-se uma assinatura gratuita logo que angariem um numero superior a 10 compradores, sendo por conta da administração todos os gastos da remessa e devolução dos exemplares.

Venda de livros

A administração da revista «A'manhã» satisfaz com prontidão todas as encomendas de livros quer nacionais quer estrangeiros que venham acompanhados da importancia correspondente, bem como se encarrega de tomar assinaturas para todas as publicações periodicas da Europa e da America.

Esta revista encontra-se á venda nas principais livrarias, quiosques e tabacarias do paiz.